

REVISTA DE AGRICULTURA

Diretor responsável: Prof. Salvador de Toledo Piza Junior

DIRETORES:

Prof. Octavio Domingues † Prof. N. Athanassof (1926-1955)
Prof. Philippe Westin C. de Vasconcellos † Prof. Carlos Teixeira Mendes (1931-1950)

Secretário: Dr. Luiz Gonzaga E. Lordello

VOL. XXXI

JUNHO 1956

N. 2

DE DUPLICITATE HUMANAЕ PERSONAЕ

S. DE TOLEDO PIZA JOR.

(Discurso de paraninfo pronunciado na sessão solene de colação de grau da turma de engenheiros-agrônomo de 1955, no salão-nobre da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", a 2 de Março do corrente ano.)

E' a História, sem dúvida, a mais completa e sábia das mestras. No seu mais lato sentido, abrange todos os conhecimentos. Velhíssima, nasceu com o homem e com êle chegou aos nossos dias. Seu objeto, os fatos. E os fatos têm a idade do mundo. Eis porque é a História tão complexa e inexaurível.

Quando os primeiros monossilabos saídos de lábios humanos penetraram as grutas pleistocênicas e mãos humanas pela vez primeira garatujaram as paredes das cavernas, iniciou a História a sua ascensão para nós. Atravessou longos milênios paleolíticos e viu o homem lascar a pedra, dia após dia, fabricando os mesmos e imperfeitos implementos. Presenciou o lento desabrochar da humana inteligência e contemplou as suas primeiras realizações. Viu o homem fazer-se caçador e aperfeiçoar os rudes petrechos com lascas de sílex; viu-o derrubar as matas com pesados machados de pedra e matar a rena com pontudos e certos dardos; viu passar a primeira seta que o arco projetou no espaço; acompanhou o homem na perseguição ao mamute e assistiu a queda do gigante aos surdos golpes

da maça que brandiam cabeludos e vigorosos braços; viu-o expulsar o tigre das cavernas, atirando-lhe achas acesas. Esteve presente quando o homem se tornou agricultor e assistiu-o ao fazer os primeiros utensílios para o amanho da terra e para o armazenamento dos produtos das parcas colheitas de antanho. Viu o homem domesticar os primeiros animais. Com êle esteve nas lutas. Navegou em sua primeira canoa. Viu-o exercitando-se na arte da costura e confeccionando suas primeiras vestes. Conheceu-o tecelão, poteiro, artífice. Habitou com êle tôscas vivendas e com êle passou ínvios caminhos, precárias pontes.

A História viu tudo, tudo presenciou. Viu o homem se constituir em famílias, as famílias formarem clãs, os clãs se organizarem em tribos e as tribos em nações. Presenciou tôdas as guerras, todos os sofrimentos, todos os infortúnios, mas também tôdas as conquistas do ser inteligente que haveria de se converter na obra suprema da criação.

A História esteve sempre presente. Atravessou com o homem todo o neolítico e com êle penetrou a idade dos metais. Assistiu ao nascimento de Cristo. Esteve ao lado do homem na Grécia, em Roma, em Alexandria, na Germânia, em tôda a parte. Conheceu todos os reinos, todos os impérios, tôdas as repúblicas, tôdas as civilizações. Viu Paris, viu Londres, viu Nova Iorque, viu Berlim, viu uma cidade prodígio chamada São Paulo, viu tudo.

Há cêrca de um milhão de anos vem a História seguindo as pegadas do homem. Ouviu os seus primeiros vagidos, os seus gritos de guerra, as primeiras palavras que seus lábios articularam. Recolheu as primeiras notas de rudes instrumentos e respirou a poeira das primeiras danças. Ouviu o rodar de carros, o galopar de corcéis, o latir de cães, o cantar de galos, o mugir de vacas, o embate de lanças; o choque de armaduras, o detonar de rifles, o tonitroar de canhões, o estrépito de fornalhas, o apito de fábricas, o bimbalar de sinos, o explodir de motores, o ribombar atroador da bomba atômica.

A História tudo viu, esteve sempre presente. Acompanhou o desenvolvimento da linguagem articulada; viu símbolos gravados na pedra gerarem a escrita; conheceu Gutenberg; viu a pintura mural das cavernas, se transformar, como por encanto, nos magníficos frescos de Leonardo; viu a estatueta esculpida pelas mãos grosseiras do homem de Neanderthal, transfigurar-se, como em sonho, no inigualável Moisés, sob os dedos divinos de Miguel Ângelo; viu a música primeva chegar a Mozart, a Beethoven, a Liszt, a Bach. Viu guerreiros das estepes cenozóio-

cas se transformarem em Aníbal, em Cesar, em Napoleão. Viu o gênio de Edson substituir por lâmpadas elétricas, as tochas fumarentas que guiavam os passos vacilantes do homem nas noites medievais. Viu Santos Dumont voar 50 m a 3 apenas de altura e viu estratosféricos mais velozes que o som. Viu Marconi jogando sinais de um canto a outro de sua mesa de trabalhos e o radar batendo à face da lua. Viu o fio de Graham Bell conduzir a voz humana a pequena distância e viu o rádio a levar menságens aos confins do mundo nas asas etéreas das ondas herztianas. Viu a cabeça de Maria Antonieta rolando do patíbulo e o corpo de Tiradentes na fôrca da Liberdade. Viu as 4 luas de Jupiter pela luneta de Galileo e devassou as galáxias com o telescópio de Monte Palomar. Viu Platão passeando com Sócrates pelas ruas de Atenas e Nóbrega pisando com Anchieta as praias vicentinas.

A História ouviu Cícero na tribuna do Senado, ouviu Jesus na Montanha, ouviu Vieira no púlpito, ouviu Rui Barbosa em Haia. Ouviu Nero cantando os seus crimes e Camões as glórias lusitanas. Ouviu das catacumbas as preces orvalhadas e da arena romana o rugir das feras esfaimadas.

A História esteve sempre presente. Tudo viu, tudo ouviu.

Perguntemos então a essa mestra incomparável, que tudo viu, tudo ouviu, tudo sentiu, quem é afinal êsse ser extraordinário, senhor de tôdas as artes, tôdas as indústrias, tôdas as ciências, tôdas as religiões, tôdas as filosofias e ela nos responderá :

Homo est. E' o homem. O ente mais inteligente e forte do planeta que habitamos. Seu poderio é tal, seu engenho tamanho, que liberando a energia concentrada no átomo será capaz de extinguir a vida na terra. Ignorando a essência de tôdas as coisas, chamou-se *sapiens*, quando antes deveria chamar-se *vanus*. Sim, porque vaidoso êle é. Vaidoso e cruel. A vaidade arrasta-o ao crime, que a crueldade consuma.

Êsse ente enigmático, que chegou a sábio antes de se conhecer e a filósofo antes de se compreender, carrega consigo duas individualidades em permanente conflito: uma, plasmada na natureza e regida por leis imutáveis que imperam em todo o Universo; outra, constituída na sociedade e governada por efêmeras convenções que se alteram com as circunstâncias. Uma, o *Homo naturalis*, outra o *Homo socialis*. Duas pessoas distintas num só corpo. A primeira, natural, espontânea, egoísta, impulsiva; a segunda, convencional, reservada, altruísta, moderada.

O *Homo naturalis* cobiça tôdas as coisas, tem ímpetos de matar seus inimigos, quer gozar todos os gozos, deseja para si todos os bens e almeja para os seus todos os triunfos. O *Homo socialis* o controla, procurando evitar a prática dos atos que a sociedade repele. Mostra-lhe o perigo que correm se cometer desatinos e aponta-lhe as penas com que os códigos punem os delitos.

Acontece, porém, às vezes, que a despeito dos rigores da censura, das ameaças, dos temores, das sombrias perspectivas das penas capitais, o homem natural subjugua o homem social e qual um irresponsável, sem medir consequências, dá largos aos seus instintos, saciando no crime seus insopitáveis des

Ainda se não descobriu um meio de impedir que isso aconteça. Nem a fôrça, nem a guilhotina, nem a cadeira elétrica, nem a câmara de gases o impedirão. E' a História que nô-lo afiança. Não o impedirão, afianças a História, porque o *Homo naturalis* traz do berço um substrato genético responsável pelas suas reações no meio e governado por leis que nem a educação, nem as convenções, nem reis, nem imperadores, nem consílios, nem senados, nem côrtes, conseguirão alterar. Porisso, eu vos garanto: jamais desaparecerá o crime da face da terra. Entretanto, num país bem governado, constituido por homens instruidos e educados, com um poder legislativo altamente selecionado e capaz de legislar sem perder de vista aquilo que de imutável traz o homem em seu âmago, com uma côrte de justiça serena e incorruptível e com um executivo que faça reviver as leis que jazem letra morta nas páginas esquecidas dos códigos, punindo inexoravelmente todo aquêlê que mereça castigo, eu vos garanto também que o índice de criminalidade tenderá para um nível cada vez mais baixo.

Sim, porque a criação de um *status* em que o *Homo socialis* e o *Homo naturalis* vivam em harmonia, não constitui tarefa impossível. O *Homo naturalis* só leva o *Homo socialis* à prática do delito, nas sociedades mal organizadas, em que as leis não se cumprem ou se burlam e o fiel da balança da justiça so pende para o lado dos grandes, dos poderosos, dos ricos. Nessas condições, o *Homo naturalis* espicaçado, espezinhado, menosprezado, ofendido, desmoralizado, roubado, reage como o troglodita e arrasta o *Homo socialis* à prática de todos os crimes.

O legislador que soubesse que em cada homem estão dois homens, um natural e outro social, jamais faria uma lei de inquilinato que introduzisse a pobreza nos lares honestos dos pequenos proprietários de casas de aluguel. Se ouvisse os gritos

de protesto com que o homem natural procura convencer o homem social a burlar a lei, êle não a teria feito.

Procurem os Governos melhorar cada vez mais as relações que mantêm entre si os dois homens que constituem cada homem, e a paz social, indispensável ao progresso da nação, jamais será quebrada. Porque na verdade, os dois homens que cada homem traz consigo, se compreendem perfeitamente bem. O *Homo socialis* muitas vezes cede, sebém que um tanto constrangido, e acompanha o *Homo naturalis* na prática de desatinos. Eis o Carnaval: o *Homo naturalis* quer expandir-se, quer divertir-se, quer dançar, quer beber, quer rir, quer pular; o *Homo socialis*, pela posição que ocupa, pelo prestígio que desfruta, pai de família, sisudo e sério, se opõe, acha que não fica bem, que aquilo é mais próprio dos jovens, daqueles que ainda não têm grandes responsabilidades ou não ocupam posição de destaque na sociedade. Não sei que sorte de argumentos emprega o *Homo naturalis*. O que sei é que ambos, de braços dados, entram no "Clube da Folia". O que lá fazem, só Deus sabe. Na quarta-feira, conversam taciturnos: "Fiz um papelão por sua causa", diz o *Homo socialis*. "Mas ao menos nos divertimos à grande", retruca o *Homo naturalis*. "Em você ninguém repara — continua o primeiro — Tudo lhe fica bem. Quanto a mim, que vergonha! Todos me olhavam exatamente quando eu pulava no cordão ao lado daquela loira." E o *Homo naturalis*, rematando: "Deixe tudo por minha conta, não se preocupe. Nós passamos o ano inteiro dando duro, é justo que no Carnaval a gente saia um pouco do sério. E depois, V. bem sabe que no Carnaval tudo é permitido." E com dôres nas cadeiras, vão ambos à igreja tomar cinzas.

oooooo

Agora, meus caríssimos amigos, algumas palavras para vocês.

Vocês me fizeram paraninfo e não me disseram porque. Sendo eu professor do 1.º ano, sem mais nenhum contacto com vocês, de quem vocês em nada mais dependem, que já não pode influir na sua promoção, ponho-me a buscar os motivos que poderiam ter ditado essa tão desvanecedora atitude. Confesso que os não encontro. E começo a perguntar a mim mesmo, ins-

tigado pela incontida vaidade do meu *Homo naturalis*: Seria, por acaso, pelo fato de ser eu um professor que chega ao término de longa carreira sem haver jamais tido o mais leve desentendimento com os seus alunos? Não sei. Seria, por ventura, pelo motivo de escolher eu para exames os melhores pontos do programa, deixando sempre de fora a matéria que exija grande esforço de memória e possa gerar confusões ou porque procure nos orais tirar do estudante aquilo que êle sabe, sem jamais arguí-lo naquilo que provávelmente não sabe? Ignoro. Seria, talvez, pelo amor que consagro a esta Escola, dedicando-lhe uma existência de árduos e sérios trabalhos, procurando elevá-la e engrandecê-la, servi-la e defendê-la? Vocês me não disseram. Seria, quiçá, pela oportunidade que tive de inscrever o nome desta Escola nos anais de congressos científicos internacionais ou de haver colocado, através de algumas dezenas de modestas publicações, a ciência da Escola Agrícola ao lado da ciência mundial, nas páginas de obras estrangeiras? conteste valor? Vocês nada disseram. Quem sabe seria então pelo trabalho que desenvolvi no sentido de integrar na legislação vigente em nossa Universidade isso que vinha sendo uma espécie de Feudo mal administrado? Mais uma vez, não sei. Porque repilo com veemência pareceres de Congregações e Conselhos que menosprezam a lei e ferem o direito para não contrariar interesses de autoridades superiores? Porque sou combativo, sou firme, sou leal, não fujo às responsabilidades, aguento as consequências, não meço sacrifícios, destruo a mentira e arranco a verdade de onde quer que se encontre?

Nesta altura, o *Homo socialis* que trago dentro em mim, com as orelhas afogueadas pelo rubor que lhe invade as faces, brada colérico ao meu *Homo naturalis*: “Basta! Tu te não enrubescas ao proclamar feitos que jamais praticaste, virtudes que não possuis. Vaidoso, como ousas chamar-te sábio, quando a tua sabença mal chega às raias da mediocridade? Que conceito fazes do bem, para te considerares um bom? Tu, que repudias a mentira, quantas vezes me fizeste mentir. Chega, recolhe-te à tua insignificância! Deixa que outros cantem a tua glória, se glória um dia conquistares. Presunçoso, como afirmas trabalhar pela grandeza desta Escola, se nada ainda fizeste por ela? Esconde-te mísero mortal! Ah! se eu pudesse me separar de ti!”

E o meu *Homo naturalis*, envergonhado, desapontado, humilhado, cai em si: “Perdoa-me amigo e me perdoem todos

quantos nos ouvem. A culpa não é minha, tu bem sabes. E' daquele plasma germinal, que poder algum no mundo consegue alterar.

Sossegados os ânimos, posso continuar.

Sei que sou o paraninfo. Não é preciso que vocês me digam nada. Compreendo os moços pelo olhar. A luz meridiana e seus olhos diz-me aquilo que seus lábios comovidos recusaram proferir. O silêncio é muito mais eloquente que as palavras. Eu entendo, como se vocês tivessem passado longas horas em colóquio comigo. Sou o paraninfo desta turma, com orgulho o digo. Sou o padrinho dos jovens, que na deplorável situação em que nos encontramos, repelindo ameaças, imposições e sabotagens, tiveram a coragem de escolher-me. As perspectivas eram tão sombrias, que foram obrigados a eleger-me em sigilo.

"Oh Deuses imortais, grita o meu *Homo naturalis* parodiando Cícero, que gente é esta, em que país vivemos..." "Cala essa bôca, intervêm o meu *Homo socialis* — mais um minuto de paciência e chegaremos ao fim."

Eu lhes agradeço, pois, do mais fundo dos meus dois homens, por êsse corajoso exemplo de solidariedade e estímo. Desejo-lhes uma longa e frutífera existência e uma farta messe de glórias na carreira que abraçaram. E como pai, aqui estarei para compartilhar com vocês dos dias de infortúnio.

Cuidem mais das questões de honra, do que dos problemas técnicos de sua profissão. Honestidade e dignidade acima de tudo.

Tive um mestre, que ao escolher os seus colaboradores buscava um homem de caráter. Pouco ligava às aptidões dos pretendentes. Deem-me um homem de **caráter, dizia**, que to se há de arranjar.

Que a vida sorria a vocês, como costuma sorrir aos justos, aos nobres, aos bons.

Tenho dito